

1

Introdução

A categoria **tempo** é um dos pontos mais complexos dos estudos em língua portuguesa. Por se tratar de um campo que envolve, sobretudo, conceitos igualmente complexos como **semântica** e **interpretação** – que fogem a qualquer tentativa de classificação simplista – a noção de tempo permite localizar uma gama de possibilidades de significados demasiadamente abrangente para se atrelar às amarras de generalizações típicas da gramática tradicional.

Nas palavras de Mattoso Câmara (1972, p.87),

“esse estudo semântico referente ao verbo português é sumamente complexo. É talvez onde melhor se evidencia a incapacidade da gramática tradicional para fazer justiça a uma interpretação adequada do sistema gramatical português¹”.

Tal complexidade pode ser justificada, segundo o autor, “pela acumulação que se faz, no morfema flexional, propriamente verbal, em português, das noções de tempo e de modo, além da noção suplementar de aspecto, que às vezes se inclui naquela primeira²”.

Essa dificuldade de interpretação referente ao verbo pode ser estendida à categoria dos advérbios e das orações adverbiais. Não nos parecem coerentes, por exemplo, as classificações que boa parte dos compêndios de gramática escolar apresenta em relação às orações adverbiais temporais, pelo simples fato de que praticamente ignoram-se as outras relações circunstanciais que coexistem ao lado da noção de tempo. De uma maneira geral, pouca atenção tem sido dada, quando se fala em advérbios e orações adverbiais, às suas propriedades semânticas, linguisticamente relevantes, como alerta José Carlos de Azeredo (2000. p. 97) ao afirmar que

¹CÂMARA JR., J.M, *Estrutura da língua portuguesa*, p. 87.

²Ibid. p. 88.

“a apresentação das orações adverbiais nas gramáticas tradicionais ressepte-se, contudo, da falta de um critério que leve em conta propriedades formais, distribucionais ou semânticas. (...) Nenhum gramático as agrupou em função de suas propriedades semânticas³”.

Na mesma linha de raciocínio, ao discorrer sobre a variedade de significados que as orações adverbiais temporais podem denotar, Maria Helena de Moura Neves (2000, p.795) atenta para a questão de que

“a expressão do tempo sempre se liga a relações muito complexas. Essa complexidade aumenta, obviamente, quando a relação temporal envolve dois estados de coisas, isto é, duas predicções, como é exatamente o caso das construções com uma oração principal e uma oração temporal⁴”.

Assim, julgamos importante ressaltar logo de início que nossa pesquisa está longe de ter a pretensão de realizar um estudo completo sobre o emprego das formas verbais em português, mas destina-se, sim, a examinar as diferentes possibilidades de significados que as construções adverbiais temporais introduzidas pela conjunção **quando** permitem localizar além da própria noção de tempo.

Nosso foco está direcionado ao exame das variadas possibilidades de interpretação de sentido que podemos encontrar nas construções formadas pela chamada oração principal e pela oração adverbial temporal. Entendemos que, ao lado da noção de tempo, co-ocorrem muitas vezes outros matizes semânticos como causa, condição e concessão, isto é, uma construção adverbial iniciada pela conjunção **quando** pode não carregar apenas uma significação temporal, como veremos nos capítulos que se seguem.

É por isso que criticamos a tendência de se nomear e classificar automaticamente e sem critérios qualquer tipo de oração adverbial introduzida pelo **quando** como temporal se, muitas vezes, em nossas falas ou em nossas redações, o sentido que realmente queremos expressar revela-se outro. Decorar listas de conjunções a fim de dar um rótulo às orações adverbiais pode tornar o aluno inadequadamente condicionado a nomenclaturas em vez de estimulá-lo a atentar para o uso efetivo das estruturas lingüísticas, pois um mesmo elemento

³AZEREDO, J.C de, *Iniciação à sintaxe do português*, p. 97.

⁴MOURA NEVES, M.H.de., *Gramática de usos do português*, p. 795.

lingüístico é capaz de assumir diferentes funções, de acordo com o contexto em que é empregado.

Como bem expõe Evanildo Bechara (1954, p.11),

“o atribuir missões diferentes a um mesmo elemento gramatical é também responsável por inúmeros cruzamentos de idéias. (...) Nascem tais hesitações no próprio intelecto humano e manifestam-se, portanto, na expressão dos pensamentos por meio da linguagem em geral⁵.”

O objetivo maior deste estudo é justamente investigar as “missões diferentes” que as orações adverbiais introduzidas pelo **quando** podem realizar além de dar a informação temporal referente a um evento, processo, estado ou ação. De tal maneira, nosso *corpus* não poderia ser outro que não o da língua em uso, em situações efetivas de comunicação, nas quais poderemos observar as suas diferentes possibilidades de expressão de significado.

Nosso campo de observação será o texto jornalístico, mais precisamente de dois dos maiores veículos de comunicação escrita do país: a revista *Veja* e o jornal *O Globo*. Entendemos que a linguagem empregada nas matérias jornalísticas – que se utilizam, inclusive, de transcrições das falas dos entrevistados – é uma rica fonte de pesquisa para nossas investigações, por nos fornecer dados concretos relativos à língua usada no cotidiano de quem fala e de quem escreve.

Através da coleta de 60 exemplos, analisaremos as possibilidades distintas de interpretação que os enunciados formados pelas chamadas oração principal e oração adverbial temporal introduzida pelo **quando** permitem localizar.

No capítulo dois, apresentamos a base teórica em que a pesquisa se sustenta. Como analisamos diferentes possibilidades de interpretação da linguagem em uso real, nossa abordagem está amparada pelos conceitos da gramática funcionalista, que se baseia na intenção comunicativa do enunciador. Nossas considerações partirão do pressuposto funcionalista de que, para além do âmbito frasal, as relações textuais é que dão conta do sentido final do discurso. “A restrição aos limites da frase bloqueia importantes aspectos da investigação⁶”, escreve Neves (2002, p.128) ao tratar do tema.

⁵BECHARA, E., *Estudo sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português*, p. 11.

⁶ MOURA NEVES, M.H. de., *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*, p. 128.

O terceiro capítulo destina-se a traçar um breve panorama acerca das principais considerações encontradas em nossas gramáticas no que diz respeito à categoria **tempo**. Atentaremos para a distinção entre o conceito de tempo cronológico – categoria universal – e tempo verbal – categoria lingüística. Nesta seção, teceremos, também, as considerações necessárias referentes à categoria aspecto, fundamental na interpretação de certos tipos de enunciados. Notaremos que a tonalidade aspectual de certos tempos e modos verbais exerce considerável influência sobre o significado de determinados tipos de construções.

No capítulo quatro, analisamos as formas de expressão do tempo através da conjunção **quando** nas construções estruturadas por oração principal e oração adverbial temporal. Nesta seção, observamos os enunciados que, em relação ao sentido, referem-se tão somente à idéia de tempo.

O exame das frases que conciliam as idéias de **tempo** e **condição** é o tema do capítulo cinco, em que também discorreremos sobre as diferentes nuances de significado entre as construções adverbiais que apresentam *relação temporal com sentido condicional*.

No capítulo seis, analisamos as construções adverbiais que unem as noções de **tempo** e **causa**. Observamos que será o contexto, aliado ao nosso conhecimento da realidade objetiva, fator de suma importância na determinação de uma gradação de forças entre ambas as idéias nas ocorrências analisadas. Em algumas, a noção de causa será mais evidente que a de tempo, em outras, ocorrerá o contrário.

Adiante, no capítulo sete, abordamos a questão da proximidade semântica entre as circunstâncias adverbiais que envolvem proposições, especialmente no que tange às idéias de condição e causa. Veremos que, por sua abrangência, o conceito de causalidade está ligado a níveis de expressão que podem ser diferenciados por certos fatores sintáticos, como a combinação modo-temporal das formas verbais que, em certos tipos de enunciados, nos permite apontar distinções entre as noções adverbiais acima mencionadas. Em outros, no entanto, notaremos que a distinção aspectual é insuficiente para determinar diferenças semânticas concretas que possam caracterizar um enunciado como causal e outro como condicional, sendo a tentativa de classificação e/ou diferenciação inútil em virtude do elevado nível de afinidade de significado entre ambas as áreas.

No capítulo oito, examinamos um tipo de construção com ocorrências sensivelmente mais raras nos escritos atuais da língua portuguesa: orações adverbiais introduzidas pelo **quando** em que coexistem as idéias de **tempo** e **concessão**.

Por fim, não poderíamos deixar de registrar que nosso trabalho representa não mais do que uma entre as infinitas perspectivas que o assunto permite adotar. Como salientamos nas primeiras linhas, a categoria **tempo** é demasiadamente abrangente para que tivéssemos a pretensão improvável de realizar um estudo definitivo sobre o tema como um todo. Optamos por escolher uma direção entre várias possíveis, pesquisando e tirando nossas próprias conclusões.